

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRIANÇAS COMO PARTICIPANTES ATIVAS DAS PRÁTICAS LITERÁRIAS.**

**LITERATURE IN CHILDHOOD EDUCATION: CHILDREN AS ACTIVE PARTICIPANTS IN LITERARY PRACTICES.**

**Adenilsa Ferreira Nascimento**

Estudante de Pedagogia – Faculdade Pública Municipal de Linhares

**Marciele Pereira Xavier**

Estudante de Pedagogia – Faculdade Pública Municipal de Linhares

**Prof.<sup>a</sup> Poliana Bernabé Leonardi**

Faculdade Pública Municipal de Linhares

**RESUMO**

A finalidade deste trabalho é falar um pouco sobre literatura infantil no espaço escolar, abordando os aspectos principais de sua produção durante o seu surgimento e a importância do professor como mediador neste processo. Para compreender literatura infantil, define-se primeiramente a infância e as variações históricas e em seguida, o como surgiu a literatura infantil e todo seu processo na educação infantil sendo o aluno como protagonista de sua história. O trabalho visa a desenvolver o tema Literatura na educação infantil: crianças como participantes ativas das práticas literárias. Metodologicamente pretende-se realizar uma pesquisa histórica, utilizando como material de análise o conjunto de textos que estuda a temática do ponto de vista histórico, político e social. A pesquisa se desenvolveu através de levantamentos bibliográficos de autores que contribuem na exploração do tema e construção do texto. Os objetivos foram alcançados, pois a literatura infantil vem sendo utilizado em sala como auxiliador no desenvolvimento da aprendizagem e desenvolvimento por trazer uma carga com variados temas proporcionando atividades de inclusão, relações sociais e levantamentos de dados no ambiente escolar, tendo como um auxílio na contribuição para a formação dos educandos em todos os aspectos.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Leitura, Educação, Desenvolvimento da criança

**ABSTRACT**

The purpose of this work is to talk a little about children's literature in the school space, addressing the main aspects of its production during its emergence and the importance of the teacher as a mediator in this process. To understand children's literature, childhood and historical variations are first defined and then how children's literature and its entire process in early childhood education emerged, with the student as the protagonist of their story. The work aims to develop the theme of Literature in early childhood education: children as active participants in literary practices. Methodologically, the aim is to carry out historical research, using as analysis material the set of texts that study the theme from a historical, political and social point of view. The research was developed through bibliographical surveys of authors who contribute to the exploration of the theme and construction of the text. The objectives were achieved, as children's literature has been used in the classroom as an aid in the development of learning and development by bringing a load with varied themes providing inclusion activities, social relations and data collection in the school environment, having as an aid in the contribution for the training of students in all aspects.

**Keywords:** Children's Literature, Reading, Education, Child development

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida de uma criança são cruciais para seu desenvolvimento. Durante esse período, é possível ajudá-la a compreender melhor a si mesma, seu corpo e seus interesses, além de estimular hábitos que terão um impacto duradouro em sua vida, como o hábito da leitura. A literatura infantil desempenha um papel fundamental na formação desse hábito, permitindo que a criança explore sua imaginação, emoções e sentimentos de maneira significativa e prazerosa, o que contribui para seu crescimento integral.

A leitura é uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento e a compreensão do mundo, despertando curiosidade, encantamento e questionamentos sobre o ambiente físico e social. Este artigo explora os aspectos positivos que incentivam as crianças a lerem tanto na escola quanto fora dela, destacando abordagens educacionais que valorizam a leitura. Acreditamos que cultivar o hábito da leitura pode promover a emancipação do indivíduo, tornando-o mais consciente e ampliando sua visão de mundo, o que pode levar a uma transformação pessoal e social. A História da Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, visa assegurar o “desenvolvimento integral da criança” (BRASIL, 1996, art. 29) e é influenciada por diversos fatores históricos, políticos, econômicos e culturais. Assim, é crucial que as práticas de leitura na educação infantil se expandam, proporcionando experiências que ajudem na construção da identidade leitora.

## 2 EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Historicamente, o cuidado e a educação das crianças eram predominantemente responsabilidades dos familiares, principalmente das mulheres. Na época, as crianças eram vistas como pequenos adultos e, uma vez superada a fase de dependência física, começavam a participar das atividades diárias e eram integradas ao ambiente social adulto. Desde cedo, eram ensinadas a desempenhar tarefas e a seguir práticas diárias típicas dos adultos (Oliveira, 2002).

Foi apenas entre os séculos XVI e XVIII que se reconheceu a necessidade de um tratamento especial para as crianças, levando à compreensão de que elas exigiam cuidados específicos em sua fase de desenvolvimento antes de se integrarem completamente ao mundo adulto. Na Idade Média, a infância não era claramente definida e era entendida principalmente em termos físicos, sendo geralmente considerada a fase que ia do surgimento dos dentes até os sete anos.

A infância é a primeira fase da vida, marcada pelo surgimento dos dentes. Ela começa no nascimento e vai até aproximadamente os sete anos de idade. Durante esse período, a criança é muitas vezes referida como "enfant" (palavra francesa para criança), que significa “não-falante”, pois ainda não desenvolveu plenamente a

capacidade de falar ou de articular palavras corretamente, já que seus dentes ainda estão em processo de formação e fortalecimento.... (Ariès, 1978 : 6)

Segundo Campos (1980, p. 37), no início da década de 1920, alguns proprietários de indústrias criaram creches próximas às suas fábricas para que os filhos dos trabalhadores pudessem ser cuidados enquanto seus pais estavam no trabalho. Em 1925, houve uma regulamentação das escolas maternas, que passaram a funcionar como semi-internatos vinculados às indústrias. Em 1943, a legislação trabalhista passou a exigir a existência de creches em indústrias com mais de 30 mulheres empregadas. No entanto, essa iniciativa inicial foi pouco duradoura e as creches foram predominantemente mantidas por instituições filantrópicas que atendiam crianças abandonadas ou filhos de empregadas domésticas, com um percentual reduzido de suporte estatal. A formalização da Educação Infantil como parte da Educação Básica só ocorreu em 1988, com a inclusão na Constituição Federal e subseqüentes reformas curriculares que trouxeram mudanças significativas.

Historicamente, as creches foram estabelecidas para amparar e cuidar de crianças cujas famílias não tinham condições adequadas para fazê-lo. Kramer (1995) observa que havia tratamentos diferenciados de acordo com as classes sociais, resultando em contextos de desenvolvimento variados. Crianças de classes menos favorecidas eram atendidas com abordagens voltadas para a carência e deficiência, enquanto crianças de classes média e alta recebiam uma educação mais privilegiada. Isso evidenciava a estratificação social. Na prática, havia dois tipos de instituições para crianças da mesma faixa etária: a creche, voltada para crianças carentes, e a pré-escola, que atendia à classe média com um foco pedagógico. Silva e Bolsanello (2002) discutem essas diferenças nas abordagens atuais.

O trabalho com crianças de zero a seis anos envolve necessariamente o cuidado e a educação como elementos indissociáveis na rotina diária. Por um lado, essas crianças precisam de cuidados essenciais relacionados à alimentação, vestuário e saúde, aspectos fundamentais para todos os seres humanos. Por outro lado, também dependem da intervenção imediata, especialmente por parte de adultos, para a realização desses cuidados e outras atividades diárias. É claro que as ações relacionadas ao cuidado são de extrema importância e não podem ser separadas do processo de desenvolvimento infantil, embora essa separação tenha sido e ainda seja comum em muitas creches e escolas de educação infantil ao longo dos anos..

No passado, as instituições responsáveis pelo início da educação infantil eram vistas principalmente como serviços de assistência social. No entanto, atualmente, essas instituições são consideradas parte essencial da área da Educação. Educadores, especialistas e pesquisadores reconhecem a importância do desenvolvimento integral nas primeiras etapas da vida das crianças, considerando a experiência escolar como um elemento crucial desse processo.

### 3 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

As primeiras instituições voltadas para o atendimento de crianças de zero a seis anos surgiram durante o Império, com o objetivo de oferecer assistência a crianças abandonadas, como orfanatos, asilos para os pobres e a Santa Casa de Misericórdia. O avanço da medicina e a introdução da amamentação artificial ajudaram a melhorar as condições de saúde dessas crianças, reduzindo índices de doenças e mortalidade. Friedrich Froebel, médico e discípulo de Pestalozzi, foi um dos pioneiros na criação dos Jardins de Infância. Froebel (1782-1852) concebeu a ideia de estabelecer jardins de infância onde as crianças pudessem crescer em um ambiente favorável, repleto de amor e estímulo, para aprender sobre si mesmas e o mundo ao seu redor. Essa abordagem chegou ao Brasil na década de 1870, trazida pelo médico Carlos Costa e divulgada em seu jornal, sendo aplicada em um jardim de infância ao lado de uma igreja americana em São Paulo. Em 1924, o Brasil já contava com 47 instituições de educação infantil, predominantemente nas capitais.

A partir desse período, muitos jardins de infância foram criados para atender os filhos dos trabalhadores, geralmente associados à Assistência Social, embora com a orientação de profissionais pedagógicos. Na década de 1970, com o crescimento do setor industrial, surgiram movimentos das mulheres demandando a criação de creches para atender os filhos da classe trabalhadora. Na década de 1980, começou um debate sobre a inclusão das pré-escolas na Educação Básica, culminando com a Constituição de 1988. A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 reforçou essa decisão, estabelecendo que a educação é um direito universal das crianças.

### 4 LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Em 1988, a Educação Infantil foi oficialmente reconhecida como uma etapa da Educação Básica, com a Constituição Federal passando a regulamentá-la. A Constituição também passou a garantir direitos específicos às crianças, que vão além dos direitos estabelecidos pelo Direito da Família.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:  
IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;  
(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). (BRASIL, 1988)

Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei Federal 8.069/90), garantiu-se o direito das crianças até 6 anos de idade ao atendimento em creches e pré-escolas. Nos anos 1990, durante as discussões sobre a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional (LDB), o Ministério da Educação, em colaboração com outros setores, desenvolveu uma política nacional voltada à educação infantil. Para isso, foi constituída a Comissão Nacional de Educação Infantil (CNEI), com a responsabilidade de formular políticas nessa área. Em 1994, a Conferência Nacional de Educação para Todos foi realizada, e um dos eventos preparatórios foi o I Simpósio Nacional de Educação Infantil, que culminou na aprovação da Política Nacional de Educação Infantil, com o apoio da CNEI.

Com a Constituição Federal de 1988, o ECA em 1990 e a LDB em 1996, a Educação Infantil passou a ser reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica, abrangendo crianças de 0 a 6 anos, com um foco pedagógico em vez de meramente assistencial. Esse marco também trouxe a Municipalização da Educação Infantil, tornando os Municípios responsáveis por sua implementação, com suporte financeiro do Estado. Essa mudança representou um avanço significativo, permitindo a transição de um caráter assistencial para um enfoque pedagógico, refletindo melhorias nas técnicas, abordagens e metodologias. No entanto, conforme análise de Vieira (2007), na década de 1960, o ensino de literatura ainda era predominantemente caracterizado por abordagens estilísticas, focando na ordem cronológica das obras.

## 5 HISTÓRICO BREVE DA LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil tem suas raízes no século XVII, com o surgimento dos Contos de Fadas, como são conhecidos em francês (“Conte de Fee”), atribuídos ao escritor Charles Perrault. Este autor francês se destacou ao publicar versões escritas de narrativas folclóricas, que eram tradicionalmente contadas por servos, camponeses e governantas. Perrault adaptou essas histórias para que fossem adequadas à audiência da corte de Luís XIV (1638-1715), criando uma nova forma literária. Os contos de fadas, uma variação dos contos populares ou fábulas transmitidas oralmente, surgiram com o propósito de compartilhar conhecimentos e valores culturais. Nessas histórias, o herói ou heroína geralmente enfrentava grandes desafios antes de triunfar sobre o mal.

As histórias de Perrault refletiam a sociedade de sua época e eram fortemente influenciadas pelo folclore, que se tornou um elemento central da Literatura Infantil daquele período. Perrault foi pioneiro ao estabelecer a estrutura e ao aprimorar esse

novo gênero literário. Algumas de suas obras mais conhecidas incluem “O Gato de Botas”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “A Bela Adormecida” e “O Pequeno Polegar”.

O caráter educativo das histórias infantis já era reconhecido desde os primórdios, como ilustrado nas obras do francês François Fénelon, contemporâneo de Perrault. Fénelon, que atuava como tutor do jovem duque de Borgonha, o herdeiro do trono, utilizava fábulas de sua própria autoria para orientar e corrigir o comportamento do príncipe. Seu livro, originalmente destinado a auxiliar a duquesa na educação de suas filhas, alcançou grande popularidade, tornando-se uma referência para as famílias da época e um texto significativo para os estudiosos da pedagogia.

Essas obras, adaptadas para fins educativos, transmitiam valores morais e sociais, sendo destinadas ao ensino das crianças. No entanto, a percepção lúdica da leitura, considerada essencial para o desenvolvimento infantil, ainda não estava presente nessas primeiras obras. Não havia uma distinção clara entre a literatura destinada ao público infantil e aquela voltada para adultos; os mesmos textos eram utilizados para ambos. Essa falta de diferenciação era reflexo de uma época em que não se reconheciam as diferentes necessidades psicológicas e etárias das crianças. Segundo a pesquisadora Zilberman, essa mudança só ocorreu mais tarde, com o surgimento de uma nova concepção de família, centrada em um núcleo familiar menor e mais íntimo, o que estimulou o afeto entre seus membros.

Essa mudança de paradigma trouxe alterações significativas no relacionamento entre adultos e crianças, impactando positivamente o desenvolvimento emocional e afetivo das últimas. Durante esse período, observou-se que crianças de classes populares não tinham acesso à leitura e à escrita, enquanto aquelas pertencentes às classes altas tinham à sua disposição os grandes clássicos da literatura.

No século XIX, Hans Christian Andersen destacou-se como uma figura importante na Literatura Infantil. Entre 1835 e 1842, ele lançou seis volumes de contos, que foram traduzidos para várias línguas. Andersen continuou a escrever até 1872, acumulando um total de 156 histórias. Inicialmente, suas narrativas eram baseadas

em tradições populares, especialmente aquelas que ele conheceu durante a infância. Posteriormente, ele passou a criar histórias ambientadas em mundos de fantasia ou com elementos da natureza. Entre suas obras mais famosas estão “O Soldadinho de Chumbo”, “O Patinho Feio”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “A Pequena Sereia”, “A Roupas Nova do Imperador” e “A Rainha da Neve”.

Ainda no século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, introduziram um novo estilo literário associado ao movimento romântico. Eles dedicaram-se à criação e compilação de diversas fábulas infantis e, em 1812, publicaram uma coleção de contos de fadas que se tornou emblemática da Literatura Infantil. Entre os contos mais famosos dessa coleção estão “A Gata Borralheira”, “Branca de Neve” e “João e Maria”, que até hoje são sinônimos de histórias para crianças.

Os irmãos Grimm, movidos pelo espírito romântico, se dedicam a encontrar suas histórias “vivas” na pureza e simplicidade das fontes folclóricas, revitalizando os contos maravilhosos com a mesma importância que esses tinham no século XVII (CARVALHO, 1982, p. 104).

Diante dessas reflexões, podemos recorrer ao pensamento de Coelho (2000, p. 27), que argumenta que a literatura infantil, assim como toda forma de linguagem, reflete a experiência humana e, por isso, é difícil de ser definida de maneira precisa. Dessa forma, em cada época, a literatura foi criada conforme os valores e necessidades do momento, ora com maior ênfase em seu papel pedagógico, ora no aspecto lúdico. Mesmo assim, não se pode negligenciar a relevância e a contribuição de ambos os enfoques para a Educação Infantil ao longo da história, pois têm levado as crianças, tanto de ontem quanto de hoje, a desenvolverem seu senso crítico, despertando nelas o interesse por uma aprendizagem mais divertida e significativa. Assim, as crianças tornam-se protagonistas de suas próprias histórias e colaboradoras nas histórias de seus colegas.

## 6 A LITERATURA INFANTIL COMO PONTE PARA O SABER

Nesse processo, a mediação do professor é essencial, pois ele tem o papel de ensinar e proporcionar vivências e experiências que contribuirão significativamente. Portanto, não é suficiente adotar uma abordagem didática qualquer, mas sim uma que

explore plenamente o conteúdo, oferecendo experiências enriquecedoras que promovam a disseminação da leitura e da literatura durante a infância.

Os textos literários estimulam tanto a cognição quanto a afetividade, permitindo que o leitor embarque em uma jornada por mundos desconhecidos e instigantes, desenvolvendo a imaginação e despertando a curiosidade. Assim, a leitura torna-se uma forma de perceber o mundo e a realidade ao redor, possibilitando a formação de cidadãos capazes de compreender e transformar a realidade social.

Segundo Coelho (2000)

Desde o princípio, a literatura desempenha um papel fundamental: influenciar as mentes, onde se formam as vontades e decisões, e agir sobre os espíritos, onde se manifestam as emoções, paixões, desejos e diversos sentimentos. O contato com a literatura (ou com a arte em geral) oferece aos indivíduos a chance de ampliar, transformar ou enriquecer suas próprias experiências de vida, atingindo um grau de intensidade que nenhuma outra atividade consegue igualar (COELHO, 2000, p. 29).

Os pequenos leitores formam significados com base no que leem, utilizando seus conhecimentos prévios para criar imagens associadas às suas experiências e interações. Esse processo de construção de sentido se aprofunda quando eles trocam ideias sobre histórias e textos com outras crianças e adultos. Se a abordagem da leitura literária nas escolas for modificada, a escolha dos materiais também precisará ser revisada. Isso significa abandonar a visão tradicional centrada no professor e adotar uma perspectiva que considere a formação social e cultural do indivíduo. É essencial selecionar textos que sejam apropriados para as diferentes fases do desenvolvimento infantil (Coelho, 2000, p.32).

O trabalho com textos literários não deve ter como principal objetivo alfabetizar as crianças, pois a alfabetização não ocorre de forma imposta, mas sim como um processo gradual, resultante de um trabalho bem estruturado. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as práticas pedagógicas devem oferecer experiências que permitam às crianças vivenciar narrativas, apreciar e interagir com a linguagem oral e escrita, e explorar diferentes gêneros e suportes textuais, tanto orais quanto escritos.

A literatura deve ser capaz de proporcionar autoconhecimento e entendimento do mundo, estimulando a curiosidade, o encantamento, a exploração, o questionamento

e o conhecimento sobre o mundo físico e social. Esses objetivos estão integrados aos eixos curriculares das práticas pedagógicas na Educação Infantil. Conforme Nunes (1990), a literatura vai além de introduzir a escrita no universo infantil, pois traz consigo as dimensões éticas e estéticas da língua, desempenhando um papel fundamental na formação do sujeito.

O contato das crianças com uma variedade de textos literários é crucial para sua formação como leitores do mundo. Quanto mais cedo histórias orais e escritas fizerem parte do cotidiano das crianças, maiores serão as chances de cultivar o prazer pela leitura. O papel do professor, como mediador nesse processo, é fundamental: ele deve ajudar os alunos a se familiarizarem com os textos literários, atuando como uma ponte entre o texto e o leitor que ainda está desenvolvendo sua autonomia na leitura.

## **7 O PROTAGONISMO EM PRÁTICAS DE LEITURA INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

Ao longo da história, a presença das crianças na sociedade sempre foi uma constante, porém, a maneira como foram tratadas evoluiu significativamente. Durante séculos, as crianças não eram reconhecidas como sujeitos com características próprias e, por isso, não lhes era atribuída a importância que hoje lhes damos. A concepção de infância, tal como a compreendemos nos dias atuais, demorou a se estabelecer. Não havia um reconhecimento claro da criança como um ator social único, dotado de particularidades e direitos inalienáveis. A sociologia da infância foi fundamental para a transformação dessa visão, trazendo contribuições que redefiniram a posição da criança na sociedade. Esse campo de estudo não apenas ressaltou a importância de ver a criança como um sujeito de direitos, mas também destacou seu papel ativo na sociedade, especialmente no contexto educacional (LIMA; MOREIRA; LIMA, 2014).

A partir dessa nova perspectiva, tornou-se essencial compreender a criança em seu próprio contexto, valorizando sua individualidade e reconhecendo-a como uma participante ativa em seu processo de socialização. Diferentemente da visão tradicional, onde as crianças eram vistas apenas como receptores passivos das culturas e comportamentos dos adultos, a sociologia da infância propõe que as crianças são, na verdade, criadoras de culturas. Elas não apenas imitam, mas também inovam, produzem e transformam as culturas ao seu redor. Dessa forma, as crianças

são entendidas como agentes sociais participativos, com direitos e deveres, e com um papel significativo em todas as esferas da sociedade (SARMENTO; SOARES; TOMÁS, 2004).

No dia a dia das creches e escolas de educação infantil, o protagonismo das crianças pode ser observado de diversas formas. Um exemplo claro disso é a prática da leitura e contação de histórias. Essas atividades, muitas vezes vistas apenas como momentos lúdicos, na verdade, desempenham um papel central na formação humana das crianças. O primeiro contato com a literatura não é apenas sobre entender palavras, mas envolve a percepção do som, do ritmo e das conotações, que juntos formam uma base rica para o desenvolvimento da compreensão do mundo pelas crianças. Esses momentos literários ajudam as crianças a darem significado a si mesmas e ao mundo ao seu redor, criando uma ponte entre suas experiências pessoais e a cultura compartilhada.

Nesse sentido, a escola de educação infantil tem uma responsabilidade significativa ao introduzir a criança no mundo da literatura. Este processo é vital, pois permite que as crianças explorem suas potencialidades como protagonistas nas interações sociais e nas relações que constroem com seus pares e educadores. A literatura não apenas enriquece o vocabulário e as habilidades de comunicação, mas também mobiliza as crianças a entender e interpretar sons, gestos e movimentos, além de atribuir significados profundos aos objetos, às situações cotidianas e às emoções. A leitura literária contribui para a ampliação das experiências das crianças, promovendo a constituição de sua subjetividade e facilitando sua imersão nas diferentes culturas com as quais interagem (MATTOS, 2013).

Quando o cotidiano literário é compartilhado entre as crianças, percebe-se uma série de iniciativas que evidenciam seu protagonismo e autonomia. As crianças começam a interagir com os livros e fantoches de forma espontânea, organizando os espaços de maneira acolhedora, convidando os colegas a participar, cantando canções que conhecem e até assumindo o papel de leitor ou contador de histórias. Essas ações mostram claramente que as crianças, além de sociais e culturais, possuem uma capacidade inata de promover mudanças e transformações, tanto em si mesmas quanto no ambiente em que estão inseridas. Para que essas capacidades sejam plenamente desenvolvidas, é crucial que as crianças tenham liberdade, autonomia e tempo para vivenciar essas experiências de maneira significativa.

As diretrizes e documentos oficiais, como os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2018), reconhecem a importância desse protagonismo infantil. Eles destacam a criança como um sujeito autônomo, ativo e participativo, ressaltando que a atuação dos educadores e a organização dos espaços educacionais devem atuar como facilitadores desse processo. O papel do educador é, portanto, central: ele deve adotar uma postura de escuta sensível e atenta, buscando compreender as formas como as crianças pensam, agem e se expressam. Essa compreensão permite que os tempos e espaços educativos sejam organizados de maneira que atendam às motivações e interesses do grupo, promovendo um ambiente que estimule o desenvolvimento integral das crianças e seu protagonismo nas diversas situações do cotidiano.

Em suma, o protagonismo das crianças em práticas de leitura e contação de histórias não apenas contribui para seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, mas também fortalece sua capacidade de agir de forma autônoma e participativa em diversos contextos sociais. Reconhecer e incentivar esse protagonismo é fundamental para a construção de uma sociedade que valoriza a infância e respeita as crianças como cidadãos de direitos plenos, capazes de contribuir para a cultura e a sociedade em que vivem.

## **8 PESQUISA DE CAMPOS**

Com base nas observações diárias acredita-se que as crianças estão participando mais ativamente nas práticas literárias. Atuando como estagiárias na educação infantil apresentaremos algumas situações dentro desse grupo de crianças do qual fazemos parte, atuando com uma turma de 21 alunos sendo 02 crianças com diagnóstico de autismo (cidf84). Vivenciamos momentos que valorizam desde a linguagem oral até as situações em que as crianças se colocam como leitoras e escritoras percebendo os usos das linguagens, propiciando o encontro da teoria com a prática. As situações apresentadas serão trazidas dentro de um trabalho desenvolvido na perspectiva de projetos e sequências didáticas. A nossa escola conta com uma biblioteca/sala de recursos que vem para ampliar ainda mais as vivências e práticas de leitura na rotina das crianças.

A criança desde de muito pequena começa a se comunicar e a interagir com o mundo ao seu redor por meio de gestos e balbucios, ela aprende a falar experimentando a fala, inicialmente por meio de emissão de sons que pouco a pouco

vão ganhando sentido. Gradativamente, a oralidade e as dramatizações também vão ganhando espaço na infância. A prática da leitura na infância é importante para o desenvolvimento de diversos aspectos: melhora e aumenta o vocabulário, contribui no desenvolvimento da escrita, permite que a criança tenha uma visão mais ampla do mundo, mais sensível e humanizada e contribui para que ela comece a ter, desde cedo, pensamento crítico e opinião própria. Aos poucos, a criança começa a construir suas próprias narrativas e vai comunicando o que deseja.

O projeto de leitura deste ano tem como tema: ler e imaginar, com o objetivo de aproximar ainda mais as crianças no mundo da leitura, fazendo com que através da diversidade de textos, musicas, dramatizações, as crianças desenvolvem a concentração, memória, raciocínio e compreensão, estimulando a linguagem oral e ampliando a capacidade criativa. Todos os dias as crianças participam do momento de leitura e cada dia da semana é ofertado um texto diferente (história, parlenda, poesia, poema, trava-língua, receita, reportagem etc..), as crianças sentadas em roda ouvem ativamente a leitura feita pela professora, apreciando e fazendo leitura de imagens, após o momento de leitura é feito a interpretação coletiva do texto, fazendo os questionamentos e levantamento de dados sobre o que as crianças sabem ou adquiriu em relação ao que ouviram, em outros momentos os alunos são convidados a fazerem o manuseio de livros, revistas e imagens diversas, para apreciação dos mesmos.

Uma situação bastante prazerosa de vivência foi uma atividade oferecida pela professora regente de sala onde as crianças foram orientadas da seguinte forma: sentadas em pequenos grupos iriam escolher imagens de revista previamente recortadas. Ao optar por uma imagem, as crianças são orientadas a criar um cenário para ela e relatar oralmente ao grupo o resultado da sua criação.

Durante suas falas, a professora como escriba, fazendo os registros por escrito para depois anexá-lo aos desenhos que posteriormente as crianças fariam, após este trabalho foi feito um mural e exposto os trabalhos desenvolvidos pelas crianças. Em outro momento foi proposto trabalhar a história: os três porquinhos, e no final fazerem a dramatização da história no momento cultural que acontece toda última sexta feira do mês, nesta oportunidade criamos juntamente com as crianças o cenário usado na dramatização, mostrando que valorizar a importância da leitura na educação infantil ajuda no crescimento individual do aluno em todo processo educacional. As situações

apresentadas mostrou que situações com sentido, significado e participação das crianças ganham força ao ser construídas com elas e para elas.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde pequena, as crianças aprendem de alguma forma o significado de ler e escrever. Quando bebê se exercita repetindo sons e sílabas, mais tarde se realiza através de desenhos de letras e palavras, percebendo-se capaz de adentrar em um mundo complexo onde poderá ter a iniciativa de desvendar mistérios e aprender a decifrar enigmas das letras e escrituras. As práticas de leitura e cotação de histórias apresentadas neste artigo elucidam a ampliação do repertório sociocultural das crianças. Imersas nas culturas das infâncias, podemos considerar que o olhar responsivo ao que demonstravam as crianças serem temáticas de interesse para as viagens no universo literário, foi um elemento indicador para o desenvolvimento de nossas práticas, fomentando aproximação, ingresso e envolvimento em experiências literárias.

As discussões propostas ao longo da pesquisa buscaram por um lado possibilitar reflexões teóricas sobre o papel da literatura na infância e, ao mesmo tempo, anunciar possibilidades de práticas pedagógicas que possam produzir, de forma direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens, neste caso, a leitura e a literatura infantil.

Ademais, cultivar momentos de deleite sob os livros se amplificaram cotidianamente, de modo que as crianças exerciam com autonomies tais episódios. Neste caso, não podemos negar a contribuição dos espaços educativos escolares na formação sociocultural das crianças, por meio de práticas literárias. Por outro lado, sendo a literatura o fio condutor das expressões corporais, afetivas, comunicativas e cognitivas, se apresentou enquanto potencializadora e articuladora destas dimensões do desenvolvimento infantil, abrindo caminhos para novos diálogos e análises.







## REFERÊNCIAS

- ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R. J. de. [et al.]. Ler e compreender: estratégias de leitura.
- ARIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro. LTC, 1978.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Infantil. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, DF, 1998.
- CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo et al. O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). 2017.
- CAMPOS, Maria M. Malta; PATTO, Maria Helena Souza; MUCCI, Cristina. A creche e a Pré-Escola, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes; Literatura Infantil: Teoria Análise Didática. Edit. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

- COLOMER, T. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COSTA, Marta Morais da. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: IBPEX, 2007.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: Teoria & Prática. São Paulo, S.P.: Ática, 1991.
- FARIA, M. A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.
- LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo, S.P.: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.
- MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, M.B.C. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo:Ática, 1995.
- ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. (1987). Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Editora Ática.
- Zilberman, R., & Lajolo, M. (1993). Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira, história, autores e textos